

Recebido em 10/09/2023 e aprovado em 22/12/2023

LOS PRIMEROS POBLADORES DE AMÉRICA

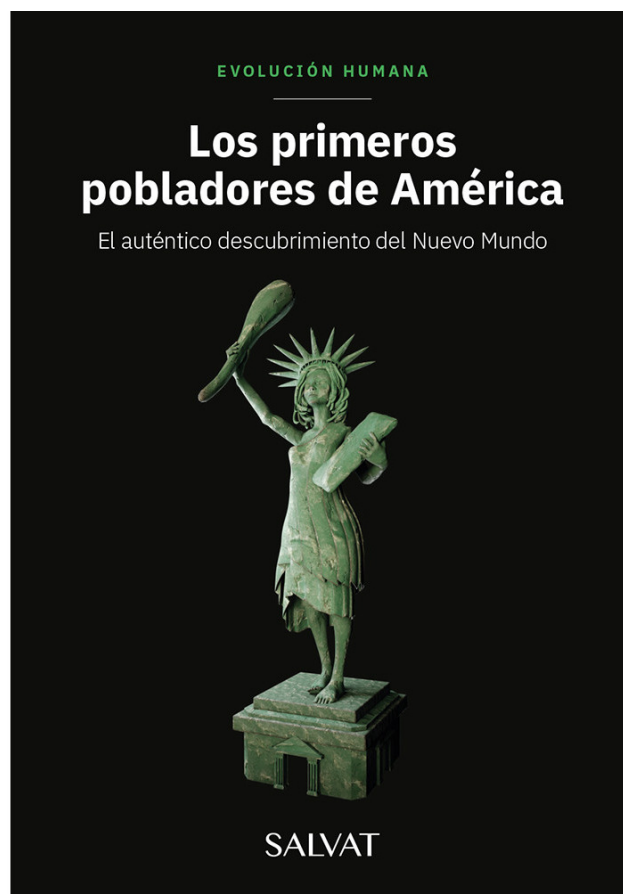
El Auténtico Descubrimiento del Nuevo Mundo

Prates, L., Politis, G., Perez, S.

Colección Evolución Humana no. 24. Editorial Salvat, S.L., 2023, Barcelona, 141 p.

Antonio Pérez-Balarezo¹

<https://orcid.org/0000-0002-1480-6916> / antonioperezbalarezo@hotmail.com



253

¹ CNRS, UMR 7041 ArScAn - Equipe AnTET, Université Paris Nanterre, França.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

Uma descoberta autêntica ou um modelo autêntico é um questionamento que ressoa através das páginas de *Os Primeiros Povoadores da América*, livro de Luciano Prates, Gustavo Politis e S. Ivan Perez que oferece uma síntese acessível do atual estado do conhecimento sobre o povoamento do Novo Mundo. Este volume, parte da série *Evolução Humana* da Editora Salvat, destaca-se por sua clareza e profundidade, refletindo o compromisso dos autores com a divulgação científica. No entanto, além de seu valor expositivo, o livro convida a uma reflexão crítica sobre as teorias predominantes no campo da arqueologia americana e seus possíveis vieses.

A obra, que teria ganhado em potência narrativa com mais e melhores ilustrações, organiza-se em nove seções bem distintas, abrangendo desde uma introdução conceitual até uma discussão detalhada das evidências arqueológicas, genéticas e paleoambientais. Desde a introdução, os autores estabelecem um tom de investigação crítica. Eles admitem abertamente a natureza fragmentada e parcial do nosso conhecimento atual sobre o povoamento inicial das Américas. Esta honestidade intelectual é refrescante e necessária, considerando a complexidade e as controvérsias que cercam o tema. Os autores não focam apenas nas rotas e cronologias da migração humana, mas também enfatizam a importância de entender a adaptabilidade e plasticidade da nossa espécie. O livro conta também com um glossário final, mais do que bem-vindo.

Prates, Politis e Perez abordam com habilidade a interseção de múltiplas disciplinas, desde a geologia, arqueologia e climatologia até a genética, para ilustrar como as mudanças ambientais e as dinâmicas migratórias moldaram a história humana no continente. A última glaciação, que marcou o cenário para a migração do *Homo sapiens* para o Novo Mundo, é descrita em detalhes, destacando como as flutuações climáticas e



geológicas facilitaram a formação de uma ponte terrestre intermitente entre a Eurásia e a América, conhecida como Beringia. Na sua análise, os autores, embora reconheçam a importância do corredor de Alberta e das rotas costeiras na migração humana, também levantam questões críticas sobre essas hipóteses. Esta seção inicial também trata das mudanças climáticas e ambientais no continente americano, com uma discussão particularmente interessante sobre como essas mudanças foram menos extremas na América do Sul.

Na segunda seção, os autores mergulham na *História das ideias sobre o povoamento inicial da América*. Aqui, Prates, Politis e Perez fazem um passeio pelas teorias e especulações que surgiram desde a descoberta europeia do continente até os dias atuais. Esta seção, embora um tanto curta, é crucial para entender como as ideias sobre o povoamento da América evoluíram e, às vezes, foram revolucionadas por novas descobertas e técnicas científicas. Os autores focam em dois eixos fundamentais: o espacial, que aborda as origens e rotas de migração dos primeiros humanos para a América, e o temporal, que tenta determinar o momento exato desta chegada. A análise dos autores sobre como essas ideias mudaram desde o século XV até o presente é metódica e crítica. Eles enfatizam que, embora haja um consenso geral de que os primeiros americanos vieram do nordeste da Ásia, o debate sobre o momento exato de sua chegada continua aberto e é objeto de intensos debates.

Os autores também discutem criticamente os modelos de povoamento, especialmente o modelo Clovis First e os modelos de alta antiguidade. Aqui, a obra se destaca pelo seu equilíbrio: enquanto reconhece a importância e o peso das evidências que apoiam o modelo Clovis First, também aponta as limitações dessa visão, especialmente no que diz



respeito à integração de novas descobertas que sugerem uma presença humana mais precoce no continente.

A próxima parte, *Origem e antiguidade da primeira migração humana para a América*, aprofunda-se na cronologia e nas rotas da migração inicial para o continente. Os autores abordam, às vezes de maneira muito superficial, a evidência disponível, desde as recentemente publicadas pegadas humanas de White Sands (Novo México, Estados Unidos), que poderiam indicar uma presença humana há 22.000 anos, até os sítios mais estabelecidos e reconhecidos. A discussão sobre os avanços e as migrações dos caçadores-coletores siberianos fornece uma visão global de como as mudanças climáticas e ambientais moldaram as rotas migratórias para a América. A narrativa dos autores nos leva desde as frias estepes da Sibéria até as diversas paisagens da América, traçando um mapa das possíveis rotas e estratégias de migração dos primeiros povoadores. Esta análise sublinha a complexidade da migração humana e desafia qualquer tentativa de simplificação excessiva.

256

Na quarta parte do livro, “Os restos humanos do povoamento americano”, Prates, Politis e Perez apresentam uma análise dos esqueletos humanos descobertos no continente, fornecendo uma visão crítica sobre as datas e características dos primeiros povoadores. Os achados na América do Norte, como o Menino de Anzick e o Homem de Arlington Springs, ofereceriam dados concretos sobre a cronologia do povoamento humano. Na América do Sul, a análise se complicaria pelas incertezas nas datações e associações, mas, ainda assim, as descobertas são reveladoras, fornecendo evidência de presença humana precoce. Esta seção também se destaca pelo seu enfoque na genética, particularmente na análise do DNA nuclear. Os autores explicam como os estudos



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

genéticos transformaram nossa compreensão do povoamento da América, revelando uma história mais complexa de migrações e misturas de populações.

Na quinta parte, *As características da primeira expansão humana na América*, os autores exploram os mecanismos, o ritmo e a direção da expansão humana através do continente. As análises paleogenéticas revelam, em resumo, uma história de dispersão rápida, com implicações significativas para a demografia e a ocupação geográfica. Os modelos apresentados, como “o colar de pérolas” e “o salto da rã”, que tendem a ser favorecidos pelos autores, são ferramentas valiosas para visualizar como os primeiros humanos poderiam ter se movido e se estabelecido em novos territórios.

A sexta parte do livro, “O impacto humano sobre as comunidades ecológicas da América”, aborda um tema crucial: a influência dos primeiros humanos nos ecossistemas americanos. Aqui, Prates, Politis e Perez examinam a extinção em massa de megafauna que ocorreu durante o Pleistoceno tardio, destacando como esse fenômeno, concentrado nas Américas entre 13.000 e 10.500 anos atrás, difere de padrões semelhantes em outras regiões do mundo. Os autores argumentam que as tecnologias de caça primitivas, especialmente as pontas de projétil, desempenharam um papel significativo na rápida e bem-sucedida dispersão dos humanos no continente, e possivelmente na extinção da megafauna. Esta seção é notável por sua discussão equilibrada, considerando tanto a caça humana quanto as causas paleoclimáticas como fatores na extinção. Os autores concluem que entender o impacto dos humanos na América é essencial para compreender as atividades atuais de nossa espécie sobre os ecossistemas terrestres.



A sétima parte, *As mudanças culturais após o povoamento inicial da América*, foca na evolução cultural e tecnológica dos primeiros humanos no continente. Os autores identificam três fases principais de desenvolvimento, cada uma caracterizada por padrões específicos de expansão geográfica, demográfica e tecnológica. A primeira fase se caracterizaria por uma rápida expansão e baixa densidade populacional, com adaptações locais múltiplas, mas sem inovações tecnológicas significativas. A segunda fase, marcada pela aparição de pontas de lança como Clovis e Folsom na América do Norte e modelos originais na América do Sul, refletiria uma mudança cultural importante. A terceira fase, que começa com a extinção da megafauna, mostra flutuações na demografia e adaptações locais à exploração de diferentes recursos, incluindo a domesticação de plantas e animais. A discussão sobre a extinção da megafauna e os modelos de expansão humana revela a complexidade das interações entre humanos, seu ambiente e seu desenvolvimento cultural. Estes capítulos destacam a importância de entender não apenas os padrões de migração e assentamento, mas também como os primeiros humanos transformaram as paisagens e ecossistemas que encontraram, e como estas transformações, por sua vez, moldaram seu desenvolvimento cultural e tecnológico. A narrativa dos autores é informativa e desafiadora em certos aspectos, convidando os leitores a considerar a história do povoamento da América sob uma perspectiva que vai além da mera cronologia e padrões de migração.

258

Na seção de conclusões, *Os primeiros povoadores da América* atinge seu clímax reflexivo. Aqui, Prates, Politis e Perez sintetizam os temas centrais do livro, destacando tanto os avanços na compreensão do povoamento da América quanto os desafios e lacunas que persistem.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Os autores reconhecem que, embora tenham sido feitos avanços significativos nas últimas décadas, ainda há aspectos fundamentais do povoamento da América que são objeto de debate e estudo. A evidência genética e arqueológica aponta que os primeiros humanos chegaram à América desde o nordeste da Ásia através de Beringia, mas as datas exatas e as rotas continuam sendo temas de intensa pesquisa.

Então, autêntica descoberta ou autêntico modelo? Esta pergunta convida à reflexão não só sobre os dados, hipóteses, suposições e modelos apresentados no livro, mas também sobre a natureza do conhecimento científico na arqueologia e na antropologia, e como este conhecimento é construído, apresentado e interpretado.

Conforme avançamos, o livro se concentra em grande medida no modelo de povoamento que coloca a entrada dos primeiros humanos na América numa janela temporal pós-Último Máximo Glacial, principalmente através de Beringia. Esta perspectiva, amplamente aceita na comunidade científica, constitui o modelo autêntico a seguir? Ao apresentar este modelo como o principal quadro de discussão, o livro também estabelece, talvez involuntariamente, um campo de jogo onde modelos alternativos e evidências que sugerem um povoamento mais precoce - como as de Pedra Furada no nordeste do Brasil - ocupam um lugar secundário ou são consideradas com ceticismo.

Isso nos apresenta uma dicotomia entre descoberta (fatos, dados, evidências) e modelo (interpretação, teoria, marco conceitual). Na arqueologia e antropologia, como em muitas ciências, os dados por si só são frequentemente insuficientes para contar uma história completa; eles requerem um marco através do qual possam ser entendidos. O livro de Prates, Politis e Perez faz um trabalho admirável ao apresentar tanto dados quanto um



marco conceitual que os vincula adequadamente, como eles exigem de outras propostas. No entanto, há uma tendência bastante forte a apresentar essa narrativa como a versão autêntica atual dos processos de povoamento inicial das Américas, e logicamente, como a “autêntica” descoberta do Novo Mundo. Neste sentido, a capa do livro, com sua representação transformada da Estátua da Liberdade, onde uma mulher caçadora-coletora substitui a icônica figura, segura um porrete pré-histórico e uma lâmina de pedra em vez da tocha e da tabuleta, e está coroada com a coroa habitual da Estátua, é uma metáfora visual poderosa que ressoa profundamente com a tendência propiciada pelos autores.

Por tudo isso, parece-nos necessário fazer um chamado a uma análise crítica e multifacetada da história do povoamento das Américas, convidando os leitores a considerar não apenas os dados apresentados, mas também como esses dados são interpretados dentro de um marco teórico particular. Além disso, queremos fomentar a reflexão sobre a possibilidade de existirem outras histórias, outros modelos, que poderiam oferecer interpretações alternativas dos mesmos dados.

No conjunto, *Os primeiros povoadores da América* é uma obra que vai além de um simples resumo de dados e modelos sobre o povoamento precoce do continente. Os autores conseguiram criar uma narrativa muito informativa e acessível, convidando os leitores a questionar e refletir sobre as complexidades da história humana nas Américas. Eles equilibram a necessidade de serem exaustivos com a de serem compreensíveis, um desafio não menor em um campo tão complexo e frequentemente polêmico. A obra é um recurso valioso não só para aqueles interessados em arqueologia e antropologia, mas também para qualquer pessoa que busque entender melhor como os primeiros humanos chegaram e se adaptaram a este vasto e diverso continente.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Em última instância, *Os primeiros povoadores da América* nos convence de que a história do povoamento humano é uma história em constante evolução, moldada por novas descobertas e abordagens. Embora o livro tenda a se concentrar em um modelo específico de povoamento, sua análise das evidências disponíveis e seu enfoque equilibrado o tornam uma leitura essencial para qualquer pessoa interessada neste tema. No entanto, os leitores devem estar cientes de que a narrativa predominante no livro não abrange todos os modelos existentes sobre o povoamento da América e, como tal, deve ser complementada com outras fontes para obter uma visão mais completa do debate atual neste campo de estudo. O livro representa um passo importante na divulgação científica, especialmente por sua publicação em espanhol e a partir de uma perspectiva sul-americana. Um feito que deve ser celebrado, mas que também serve como um lembrete de que a história de nossa espécie é complexa e ainda está longe de ser coerentemente entendida.

